

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	28.º Anno — XXVIII Volume — N.º 955	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Typ. do Anuario Commercial — Calçada da Gloria, 5
Portugal (franco de porte), m. forte...	3\$800	1\$900	\$950	\$120	10 DE JULHO DE 1905	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



D. FRANCISCO FERREIRA DA SILVA
BISPO DE SIENE E NOVO PRELADO DE MOÇAMBIQUE

Chronica Occidental

Uma d'estas noites, passando pela feira de Alcantara, entre o repicar das campainhas dos electricos em grande confusão, ouvindo todo o grande barulho das barracas, onde os que andavam gosando o seu domingo se apinhavam, lembrei-me das antigas feiras que em Lisboa e seus

arredores eram famosas, a de Belem com seus arlequins, que trabalhavam entre fumarentas tijelas de sebo, a do Campo Grande, que principiava por uma celebre venda de gado, a das Amoreiras, que foi a que primeiro entrou no caminho da civilização.

Lembrei-me de muitos frequentadores d'essas feiras, que eram o unico recurso, afóra uma ou outra toirada, dos que no pino do verão queriam

gosar algumas horas ao fresco, fóra das grades do Passeio Publico.

O Julio Machado, por exemplo, pelava-se por esses divertimentos. Uma vez que eu entrava na secretaria do Instituto Industrial, estava no meio da casa, lendo aos empregados o folhetim que acabara de escrever para o *Diario de Noticias*.

—E' o septimo que escrevo, disse-me, sobre a feira das Amoreiras.

E, em minha honra, ainda que eu não fosse mais do que um modesto estudante d'aquelle estabelecimento, voltou ao principio.

O Julio Machado lia admiravelmente. Aquelle seu olho negro tambem falava e punha traços de luz em todas as frases de espirito. Sentia-se todo o rumor de feira: a gente nas ruas de barracas, os taberneiros apregoando suas listas, os palhaços réclamando os espectaculos, e realejos, tambores, cornetins, pandeiros e castanholas.

Que differença para a feira de hoje onde os electricos enormes, a que puzeram a alcunha de transatlanticos, entornam gente até ás dez e onze horas da noite, e ás duas da madrugada ainda de lá regressam com bancos e plataformas sem um logar vasio! Já o gaz nos parece coisa fossil, ao pé dos jorros brancos da muita luz do Circo Meistrick. A antiga barraca da Lima, que primeiro substituiu a lona por um tabique envidraçado na antiga feira de Belem, o que foi coisa muito falada no seu tempo, já quasi não faria figura entre as pompas que por ali agora vemos.

Os cartazes da feira encham as esquinas e os jornaes em grandes letras annunciam os espectaculos novos. Como celebres empresarios americanos, os empresarios de Alcantara mandam affixar nas ruas mais concorridas enormes réclamos e os telegramas que avisam sobre a chegada das celebridades.

O verão, que finalmente chegou e já nos mimoseou com uns calores mais intensos, tem ajudado os feirantes e prejudicado as tentativas que, em dois theatros, rapazes de valor e dignos de melhor sorte fizeram, levados por seu amor á arte.

O maior inimigo que tiveram foi o mez de julho. Ainda assim luctaram, e teem visto seus espectaculos discutidos e applaudidos. Se a concorrencia lhes tem faltado, o maior culpado é quem nos thermometros faz subir de modo afflictivo a columnasita de mercurio.

No theatro da Trindade repesentou-se o drama *Fidalgos da Casa Mourisca* e ensaia-se, para em breve subir á scena a formosa peça de grande espectaculo, *Volta ao mundo em oitenta dias*.

Mas o calor continúa e o panamá tem de origem uma solemne antipathia pelas platéas dos theatros. O que elle gosta é do comboio que o ponha fóra das barreiras de Lisboa, ou, quando não possa ser tanto, quer passeiar pela Avenida, nas mãos de seu dono, abanando-lhe suavemente o rosto congestionado.

São raras as explorações theatraes que no verão hajam dado resultado aos empresarios; mas as excepções, que algumas tem havido, são incentivo para desastres financeiros. E' possivel que a provincia indemnisse os que com tão boa vontade se metteram ao trabalho e justo era que assim fosse.

Terminaram os festejos no jardim da Estrella, mas um grande numero de moradores do bairro requereram á camara Municipal que o passeio seja concedido á empresa que o pediu para nelle effectuar algumas festas durante estes mezes de verão. O sr. Ernesto Desforges tambem fez requerimento á camara para que o jardim lhe seja concedido.

Para este genero de empresas vai o tempo cor-

rendo muito melhor, como mal não tem corrido para os empresarios de toiradas, ainda quando estas sejam como algumas de Algés, em que a praça se enche de batatas.

Rafael Peixinho despediu-se dos seus amigos na praça do Campo Pequeno, e alguns velhos que assistiram á toirada decerto se lembraram dos tempos de sua mocidade, quando no Campo de Sant'Anna applaudiram o gordo Peixinho, tio do Rafael, e o José Peixinho, que em certa forma de toureiro portuguez foi entre nós sem rival.

Foi-se mais um toureiro, mas n'outros generos de sport, tem já Portugal nomes de que possa gloriar-se. Ainda não ha muitos dias, o de José Bento Pessoa andou ahí em todas as boccas, quando elle recebeu unanimes aclamações por sua victoria no velodromo.

Quem chega primeiro? Eis o problema, como outra vez o repetiria o Hamlet, se fosse menos sonhador e vivesse, como nós, em tempos de muito maior prosa. Na vida é como no velodromo, e, se a mania das apostas pegasse entre nós, pairavam por ahí *bookmakers* a cada esquina, cotando agora os alumnos do lyceu.

Fala-se muito em reforma de estudos e nos jornaes veio agora publicada a representação entregue a El-rei, para que os alumnos sejam aliviados de tanta materia que estudam e não parece que afinal lhes seja de grande proveito, sendo causa constante de muitos incommodos, sustos e despezas para os paes.

A representação é justissima em muitos pontos e indica o caminho por onde mais praticamente das crianças se hão de fazer homens uteis, podendo e sabendo trabalhar, não descurando o desenvolvimento phisico, que tantos cuidados deveria merecer aos legisladores.

Uma simples entrada nas casas que presente-mente em Lisboa servem de lyceus, bastante é para se conhecer quanto até hoje tem sido postos de parte na educação das crianças os mais rudimentares preceitos. Nem meia hora de gymnastica, e sete annos de latim! Nem um apparelho de physica nas aulas, nem uma retorta, nem um passarinho empalhado, e muitos volumes de physica, de chimica, de historia natural que os alumnos sobraçam para as aulas, n'um esforço com que não podem seus musculosinhos por desenvolver.

Precisamos de gente que trabalhe e ninguém pensa em preparar-a. O ideal dos maiores ambiciosos é poder metter os filhos nas secretarias do estado. E effectivamente que mais poderão elles dar do que pessimos amanuenses?

A educação pratica e tão rapida quanto poder ser, eis o preciso. Palpita-nos que os officiaes japonezes teriam em suas universidades alguns annos menos de estudos do que os russos e talvez em seus navios alguns annos mais de conhecimento do mar e do tiro rapido de seus canhões.

Continua a fallar-se da paz e do armistício, mas todos os preliminares da conferencia vão caminhando devagar, como se das duas nações belligerantes fosse por ora pequeno o interesse em terminar a guerra.

O que da Russia se nos descreve é cada vez mais luctuoso. Agora é em Odessa que os revolucionarios vão commettendo maiores horrores, e entretanto é innegavel que elles, andando tão cheios de razão, conquistaram quasi unanimes sympathias. Crimes accumulados vemol-os agora a pagarem-se por uma vez e até ao presente a justiça humana não soube dispensar os carrascos. Diz-se que o imperador, retirado em seu palacio e vigiado pelos seus, ignora a maior parte do que se passa. Parece que voltámos atraz mais de dois seculos e que se trata de Filippe V no Escorial.

E para não terminarmos esta chronica com tristezas, lembremos a linda festa que na Escola do Exercito foi feita ao cabo Izidro, ao veterano de comportamento exemplar, a quem foi entregue uma medalha de honra. Eis um cabo muito mais feliz que um imperador que se julgava o mais poderoso do mundo.

JOÃO DA CAMARA.

D. FRANCISCO FERREIRA DA SILVA

BISPO DE SIENE E NOVO PRELADO DE MOÇAMBIQUE

No dia em que se festeja o Apostolo S. Pedro, foi sagrado na Sé de Lisboa, com toda a pompa e ceremonias do ritual, o novo Prelado de Moçambique bispo eleito de Siene, D. Francisco Ferreira da Silva, sendo sagrante Sua Eminencia o Cardeal Patriarcha de Lisboa, e prelados assistentes, os Reverendissimos Arcebispo-bispo de Portalegre e Arcebispo de Mytilene.

Poucas vezes, no templo da Sé, se tem realizado tão solemne acto religioso, revestido de cerimonia tão complicado e ao mesmo tempo tão imponente e tocante.

Bastará dizer que a cerimonia da sagração principiou ás 10 horas da manhã e terminou ás 2 da tarde.

Resumidamente vamos descrever este acto religioso que principia pelo mestre de ceremonias lêr o diploma pontificio que confere e explica ao novo bispo a legitimidade dos poderes que lhe advirão da sua communhão com a Santa Sé.

Depois o bispo eleito, ajoelha perante o sagrante, jura, sobre os Evangelhos, fidelidade e obediencia ao Chefe da Igreja e zelo na defeza da sua doutrina.

Segue-se o exame, ou a explanação do juramento, em que o sagrante interroga o eleito e este declara o seu proposito de ensinar as escripturas, e a tradição na sua pureza, de sujeitar o seu juizo ao do Vigario de Christo, de honrar a cadeira episcopal com as virtudes sacerdotaes, de renunciar á cubiça, á ambição, de ensinar e exemplificar a humildade, a paciencia, a caridade, a misericordia e a affabilidade. Affirma tambem a sua crença no mysterio fundamental, no dogma da Trindade, na Igreja, cuja doutrina deve manter pura e extrema de erros, na vida futura, na inspiração das Escripturas.

Sagrante e eleito celebram então, em altares separados, a missa, que é interrompida pela sagração, e continúa depois n'uma só celebrando-a juntos para mostrar assim a intima união dos membros do episcopado.

O eleito prostra-se ante o altar emquanto se invoca para elle o patrocinio da igreja na ladainha de todos os Santos. De joelhos, diante do sagrante, recebe sobre os hombros o livro dos Evangelhos, cuja doutrina deve ensinar e manter em toda a sua pureza. Pela imposição das mãos recebe o Espirito Santo. E' ungido na cabeça e nas mãos como signaes sensiveis da graça que lhe é conferida e que lhe imprime o caracter de mais augusto sacerdote. As mãos do eleito recebem assim o poder de abençoar e santificar.

Em seguida é a entrega do baculo, symbolo da auctoridade pastoral e o sagrante diz: «Recebe o baculo pastoral do teu cargo, para que procedas piedosamente contra os vicios a corrigir, exerças a justiça sem colera e reanimes o zelo dos teus ouvintes pela pratica das virtudes e não reusos por uma tibia indifferença as censuras da severidade». Ao baculo segue-se o anel, signal da fé, que lhe é dado depois de abençoado para conservar immaculada a fé da Igreja.

Entrega-se-lhe o Evangelho e o sagrante diz: «Recebe o Evangelho e vae, prega-o ao povo que te foi confiado».

Volta depois o eleito ao seu altar, proseguindo assim como o sagrante, á celebração da missa até ao offertorio, em que aquelle apresenta a este a oblata do pão e do vinho, reunindo-se os dois n'um sacrificio commum em que ambos recebem o Corpo e o Sangue de Christo.

Finda a missa, o eleito recebe a mitra, emblema de coragem com que os chefes da Igreja militante devem cumprir desassombadamente o seu dever.

Depois da mitra recebe as luvas, symbolo da pureza que deve envolver suas mãos.

Revestido de todas as insignias da auctoridade, senta-se, emfim, o novo bispo no lugar de honra. Percorre em seguida o templo, abençoando todos emquanto se canta o *Te-Deum*, findo o qual é rezada uma oração pedindo a Deus protecção para o novo sagrado. Ha a benção solemne á toda a assistencia, o osculo fraternal trocado com os seus irmãos no episcopado e a expressão dos votos de longa e boa vida, expressa na formula liturgica: *Ad multos annos*.

A assistencia foi numerosa e na capella mór e nas bancadas, alem dos ecclesiasticos que formaram a procissão, estavam os reverendos Tavera, Monteiro e Balmaceda, e nas bancadas collocadas junto das dos capellães, os reverendos mosenhores Carlos Costa, Gustavo Couto, padre Jose Maria Ferreira, Pinheiro Marques, dr. Dias da Silva, Alexandre Boavida, Eduardo Castro d'Almeida, Francisco Antonio do Nascimento, J. Fernandes Gomes Duarte, Manoel Ferreira Gonçalves, Berlarmino Correia Gomes e mosenhor Sousa, parochos do Ibo, prior de S. Thiago rev. Sampaio.

Nos logares destinados aos convidados estavam entre outras pessoas, a familia do novo bispo, composta de sua irmã a sr.^a D. Maria da Encarnação Ferreira da Silva, seu irmão o sr. dr. Manoel Ferreira da Silva e seu primo sr. dr. Antonio Ferreira da Silva, e as Sr.^{as} D. Maria do Rosario Pereira das Neves, D. Mathilde de Jesus

Ferreira, D. Christina de Jesus Costa, D. Maria de Jesus Costa, D. Laura Figueiredo, D. Emilia de Almeida, D. Amelia Batalha, madama Alves Ribeiro e filhas, e os srs. capitão de fragata Ernesto Vasconcellos representando o sr. ministro da marinha, dr. José Maria Rodrigues, lente da Universidade, dr. Tito Vespasiano Castello Branco, dr. Oliveira Martins, dr. Trindade Coelho, engenheiro Fernando de Sousa, condes de Sampaio e Penha Garcia, general Pimentel Maldonado, tenente cornel Barjona de Freitas, A. Marianno Peres, dr. Aureliano de Mattos e familia, Ernesto Soares de Andrade, tenente Ferreira Marques, Gomes dos Santos, João Silva e Oliveira, Jorge de Figueiredo Barros, Joaquim José Teixeira Bastos, Luiz Rosario e Sousa, dr. Antonio Ferreira Rebello da Silva, dr. Manoel do Nascimento Veiga, dr. Manoel Mascarenhas Gaivão, dr. Ferreira Loureiro, dr. Mendes Lages, dr. Alexandre Vilhena, dr. Thomaz Pizarro, dr. José Saraiva Pedro Mascarenhas Gaivão, Pedro Coelho Serra, dr. Alfredo da Cunha, etc.

A missa alem das dignidades que mencionamos serviram de diaconos os reverendos conegos mosenhor Sá Pereira e Serrano, de *protentor*, o beneficiado Rocha, estando ao *livro*, o beneficiado Rasquilho, e á *candela*, o beneficiado Diogo Alves. A missa e o *crédo* executados, foram do maestro Catalani, e o *Te-Deum*, de mosenhor Joaquim José da Silva.

Regeu a orchestra e o côro o maestro Carlos d'Araujo.

Depois da grande solemnidade religiosa o rev. Bispo de Siene retirou ao Hotel Alliance, onde está hospedado, e ahí offereceu um jantar aos seus convidados, em que se levantaram brindes muito significativos e affectuosos a sua rev.^{ma} que recebeu as maiores provas de quanto é estimado e querido por suas grandes qualidades.

O novo prelado de Moçambique é natural de Aguiar da Beira e entrando para o Seminario de Vizeu ali fez os seus estudos preparatorios e curso de theologia que terminou em 1875, obtendo breve de dispensa de idade para se ordenar de presbytero, dizendo a primeira missa na Igreja da sua terra natal.

Poucos mezes depois foi nomeado parochos emcommendado para Valverde, freguezia proxima de Aguiar da Beira, sendo ali muito estimado como um verdadeiro ministro do Senhor.

A este tempo já o novo sacerdote subsidiava os estudos de dois irmãos seus, concorrendo com todas as despezas.

Em 1879 matriculou-se na Universidade de Coimbra no curso de Direito que concluiu em notavel aproveitamento em 1885, tendo-se, em 1884, matriculado tambem no curso de theologia, em que tomou o grau de bacharel em 1887.

Desde 1881 a 1887 accumulou seus estudos com o lugar de capellão da real capella da Universidade.

Assim que terminou seus cursos universitarios foi convidado pelo Bispo de Cabo Verde D. Joaquim Augusto de Barros, hoje fallecido, para vice-reitor do Seminario d'aquella diocese, e para lá seguiu em 1889, indo tambem occupar o lugar de conego da Sé Caboverdiana para que fôr nomeado por decreto de 24 de janeiro de 1889.

Foi brilhante a sua reitoria no Seminario, onde tambem occupou as cadeiras de theologia sacramental e a de philosophia. Empreendeu e concluiu grandes melhoramentos no edificio que, por assim dizer, reedificou e alargou, dotando-o de uma padaria propria. Reformou as alfaias e paramentos da igreja que estavam em deploravel estado, esforçando-se por beneficiar quanto possivel a diocese, no que foi incançavel e de grande auxilio ao Bispo.

Presidente da junta do governo ecclesiastico de 1890 a 1893; visitador da Guiné portugueza e das freguezias de Sotavento, por provisão de D. Joaquim de Barros, de 14 de fevereiro de 1896; governador do bispado por provisão de 24 de julho de 1899 e 24 de março de 1903; vigario capitular em 9 de abril de 1904.

Elevado á dignidade de *Chantre* por decreto de 10 de agosto de 1893, a *deão* por decreto de 27 de abril de 1899; vogal de junta escolar por portaria do governo da provincia, de 24 de outubro de 1895; vice-presidente da commissão de beneficencia da ilha de S. Nicolau em 1894 etc. Pelos relevantes serviços prestados ao seminario foi o reverendissimo D. Francisco Ferreira da Silva, louvado por portaria do governo da provincia de 24 de setembro de 1892.

O que deixamos exposto é uma prova frisante dos serviços prestados pelo digno prelado e a melhor garantia para os povos que vae pastorear.

Espirito illustrado e activo, encontra ainda

tempo para cultivar as letras, collaborando em diversas revistas e jornaes, alem dos sermões, allocuções e pastoraes, e um volume *Apontamentos para a historia da diocese de Cabo Verde* e outras em preparação.

O novo prelado de Moçambique foi apresentado por decreto de 16 de junho de 1904 e confirmado pela Santa Sé, Bispo de Siene em 18 de dezembro do mesmo anno.

No episcopado portuguez conta-se hoje mais um prelado tão estimavel pela sua illustração como por suas virtudes christãs, que mais enaltecem um ministro de Jesus Christo.

Congresso de leitaria, olivicultura e industria do azeite

EXPOSIÇÃO NA REAL TAPADA D'AJUDA

(Continuado do n.º 953)

A ligeira descripção do gado leiteiro apresentado no certamen da Tapada da Ajuda, segue-se, pela sua natural importancia, pela extensão e primor das installações, a apreciação, embora rapida, do material e dos productos das duas grandes industrias agricolas: a dos azeites e a dos lacticinios.

Quem dirigisse mais attentamente o olhar para as diferentes installações de material oleicola e examinasse os nomes dos respectivos expositores, devia ter sentido viva satisfação, porque, embora a exposição abrisse as suas portas á industria estrangeira, a maioria dos expositores eram portuguezes. Este facto, que, decerto, não escapou a todos quantos pugnam pelo progresso do nosso paiz, é altamente consolador, por isso que nos indica a possibilidade de, dentro em breves annos, nos libertarmos da tutela estrangeira, fabricando nós todo o material de que houvermos mister, não só para a industria dos azeites, mas tambem para todas as que se venham a desenvolver no paiz.

A imparcialidade, a justiça e a verdade ordenam, porém, que não occultemos a visível inferioridade no fabrico e acabamento d'alguns machinismos apresentados pela industria nacional, que, por vezes, se limitou a copiar servilmente os appparelhos estrangeiros, alguns dos quaes, por fatalidade, ali se mostraram, com manifesta desvantagem para a industria portuguesa.

Estamos certos, porém, de que no proximo certamen os expositores portuguezes conseguirão hombraer com os estrangeiros, e que estes não terão ensejo de dizer, como agora ouvimos, *que as suas machinas foram copiadas, o que não lhes dá cuidado, porquanto as encomendas, feitas pelos lavradores portuguezes, succedem-se constantemente.*

Estas palavras servirão de estímulo á industria nacional, que procurará aperfeiçoar o mais rapidamente possível os seus machinismos, de modo a satisfazer as exigencias dos fabricantes d'azeite.

Foram tres as casas estrangeiras que fizeram installação de machinas oleicolas: — Mure, de Turim; Balbontin Orta & C.ª, de Sevilha; Pietro Veraci, de Florença.

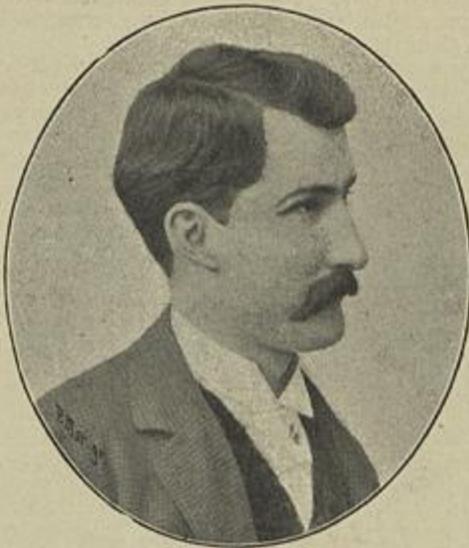
Esta casa, que é assás conhecida pela sua seriedade e pela perfeição dos seus appparelhos, continúa a ser a principal fornecedora e installadora de lagares d'azeite do nosso paiz, tendo merecido, da parte do jury encarregado de classificar o material oleicola, o grande premio de honra pelo conjunto dos seus appparelhos.

A industria nacional estava representada pela Empreza Industrial Portugueza, Moniz Galvão & C.ª, Burguette, Barbosa & C.ª, Ribeiro & C.ª, Bruno, Ornellas & C.ª, Joaquim José Perdigão Queiroga, de Evora, F. Street & C.ª e Carlos Correia da Silva.

D'estes expositores destaca-se orgulhosamente a Empreza Industrial Portugueza, que deu um impulso vigoroso á nossa industria de machinas agricolas, sendo a sua installação a mais completa e vasta, se bem que não tivesse a superficie indispensavel para a laboração methodica dos machinismos expostos, defeito este que mais se salientava nas restantes installações, em que era completamente impossivel o funcionamento dos appparelhos. No entanto o conjunto, assás completo e harmonico, dos machinismos exhibidos pela Empreza Industrial Portugueza feria agradavelmente a vista, deixando os visitantes bem impressionados. O material exposto compunha-se de moinhos de moenda e remoenda, com mó e prato de granito, prensas manuaes, prensas hydraulicas de primeira e segunda pressão, separador d'azeite e d'agua russa, decantadores, classificador, lavador e desfacelador d'azeitona.

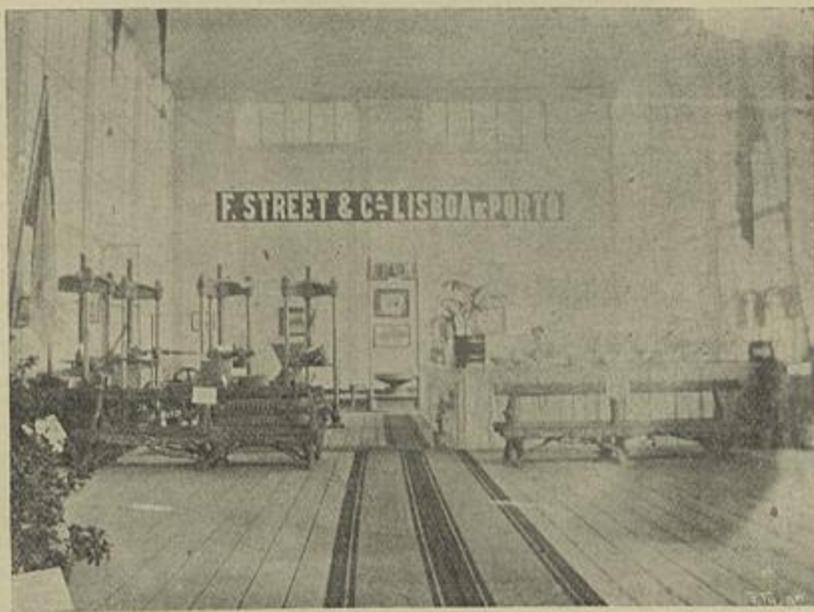
Para o funcionamento de todos estes appparelhos havia dois motores a petroleo.

O jury conferiu á Empreza Industrial Portugueza duas medalhas d'ouro, pelo concurso de trabalho e pelo material exposto.



F. STREET

Os srs. F. Street & C.ª, que no Pavilhão Central apresentaram uma riquissima collecção de appparelhos da industria dos lacticinios, alguns d'elles funcçãoando n'aquelle recinto com o leite produzido pelas vaccas da exposição, o que constituia agradável passatempo para os visitantes que, além de assistirem á interessante manipulação da manteiga, faziam aquisição d'este producto, unico objectivo d'aquella laboração e que mal chegava para satisfazer os muitos pedidos, — os srs. F. Street & C.ª, repetimos, trouxeram tambem á exposição perfeiçissimas machinas oleicolas, em que se especialisavam uma prensa hydraulica e um filtro, que funcçãoaram admiravelmente, deixando boa impressão no jury.



A INSTALAÇÃO DA CASA F. STREET & C.ª

Houve ainda outros expositores de material oleicola, d'entre os quaes mencionamos os srs. Oliveira Feijão, que apresentava uma tarada para limpeza d'azeitona; Visconde de Alcaide, do Fundão, escadas para apanha de azeitona; a Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas e Calvent & Syder, de Lisboa, pannos para apanha da azeitona; Augusto José d'Oliveira, de Beja, e José Joaquim Esparteiro, successores, de Evora — ceiras de esparto; Visconde de Alter, filtro caseiro para azeite; D. Vieira, do Porto, latas e bilhas para azeite; Carlos Theriaga Junior, de Pernes, pás d'aço para remoção da massa de azeitona; Pharmacia Barral, oleacidimetro do dr. Mastbaum; J. J. Ribeiro & C.ª, oleacidimetro Camara Pestana; Alfredo Martiniano Pereira, oleacidimetro; João Cardoso, machinas para rolar e desrolhar garrafas.

(Continúa)

J. A. MACEDO D'OLIVEIRA.

MONUMENTO A PINHEIRO CHAGAS

Não vae longe que este grande vulto das letras portuguezas desapareceu sob a lage do tumulo, que todos vimos serrar, ja á branda luz do sól poente, quando as longas sombras dos cyprestes se projectavam por sobre as campas, como negras azas da morte a cobrirem de tristeza os corações.

Ha apenas dez annos que todos ali acompanhámos o corpo em que se abrigára uma grande alma, um espirito scintilante, de portuguez, de peninsular, vivo e quente como a sua palavra inspirada, entusiastica, vibrante, encantadora, que de a ouvir não nos cansavamos, como de a perder todos se lamentam.

Ha dez annos que aquelle cerebro deixou de produzir, mas a sua obra acompanha-nos a todos.

Elle vive n'ella como em nosso pensamento; e quantas vezes Pinheiro Chagas mais lembrado é ainda e sentida a sua falta!

Quantas!

É por que assim é lembrado, os portuguezes não o esquecem, e se nem todos tomam a iniciativa de perpetuarem sua memoria por acto publico, patente, que aos vindouros falle de um portuguez que se nobilitou por seu talento e civismo, aos amigos incumbem iniciar, o que alias estará no coração de todos, esse publico testemunho de respeito e veneração, que se deve aos que souberam illustrar seu nome e bem honrar sua patria.

Essa iniciativa teve-a a *Malla da Europa*, ou melhor o seu director sr. José de Mello abrindo n'aquelle jornal, especialmente destinado ao Brazil, uma subscrição para se levantar um monumento a Pinheiro Chagas, subscrição que ao presente está em 3.713\$600 tendo para ella dado bom concurso os portuguezes residentes no Brazil.

Ao mesmo tempo, porém, que se abriu a subscrição e para que ella tenha seu immediato effeito, foi encarragado o distinctissimo escultor, sr. Costa Motta, de fazer um projecto de monumento a levantar a Pinheiro Chagas, o qual projecto apresentamos aos nossos leitores, que seguramente muito o apreciarão.

O monumento deve ser collocado no talhão da Avenida de Liberdade fronteiro ao theatro da Rua dos Condes.

Como se vê é gracioso, de composição simples apresentando certa originalidade, pois que n'elle figura além do busto de Pinheiro Chagas, sobre um grande ramo de flores, a protagonista de uma das suas obras theatraes, que mais popularisou seu nome, *A morgadinha de Val-Flór*, brilhante e derradeira producção do romantismo.

O monumento deve importar em réis, 4:300\$000, faltando, portanto, cerca de 600\$000 réis, que estamos certos serão cobertos pela subscrição que continúa aberta e apelando para todos os portuguezes que possam concorrer com o seu obulo.

Aos nossos estimaveis assignantes e leitores que queiram concorrer com qualquer quantia, lembramos que a podem enviar para o nosso collega *Malla da Europa*, ou para a redacção do OCCIDENTE onde será publicada.

C. A.

O NOVO ASYLO D. MARIA II

E' o titulo que El-Rei D. Luiz, presidente do congresso de beneficencia, deu ao asylo que este fundou, e que mais tarde se fundiu com os asylos municipaes.

Por um delicado convite do sr. Marquez de Avila provedor dos asylos, visitamos o novo edificio de magnifica construcção, situado na travessa das Terras de Sant'Anna, a Santa Izabel, um dos pontos mais elevados de Lisboa, cheio d'ar e de

luz e d'onde se desfructa o encantador panorama de parte da cidade, do Tejo e montes da Outra Banda.

Não podia ser melhor escolhido o local nem melhor aproveitada parte da construção que ali existia do extinto Collegio Luso-Brazileiro, e dizemos parte, porque a nova edificação feita conforme o projecto do intelligente architecto sr. Rozendo Carvalheira, e executado pelo habil constructor sr. Frederico Ribeiro, modificou, quasi inteiramente, o antigo edificio, que não só desenvolveu, mas melhorou em harmonia com os mais recentes preceitos hygienicos e indicações pedagogicas.

O novo asylo pôde considerar-se um estabelecimento modelar d'esta especie, porque n'elle interveiu o estudo intelligente do architecto e do constructor, auxiliado pelo digno provedor dos asylos o sr. Marquez d'Avila e pelo director sr. Carlos Posser, a quem não escapou a menor minuciosidade para que este estabelecimento fosse dotado com tudo quanto convém á boa ordem e administração.

O edificio tem tres pavimentos principiando pelo terreo, onde estão installadas as aulas da 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª classes dos alumnos. São todas bem arejadas e com muita luz, tendo cada alumno sua carteira e banco independente, modelo francez, que foi modificado pelo professor Theophilo Ferreira; n'este pavimento são ainda, a secretaria, cosinha, dispensa e copa, refeitório, gabinetes dos professores, officina de sapateiros, lavatorio para os asylados se lavarem antes e depois das refeições e casa para os alumnos, que frequentam officinas e escolas fóra do asylo, mudarem de fato no inverno, evitando assim que com as capas e o calçado molhados vão sujar os mais aposentos do asylo; esta simples circumstancia



MARQUEZ D'AVILA — PROVEDOR DOS ASYLOS MUNICIPAES

já dá uma ideia da boa ordem e cuidado da direcção do asylo.

Ainda no pavimento terreo tem os asylados dois magnificos terreiros para recreio, coberto o solo a betonilha e com canteiros para flôres, onde podem brincar á vontade, gozando ao mesmo tempo um dos mais lindos panoramas de Lisboa.

Fica tambem n'este pavimento a arrecadação d'armas com que os alumnos fazem seus exercicios, excellente pratica que os habitua desde pouca idade a saber manejar uma arma nos seus primeiros rudimentos, pratica que foi introduzida nos asylos municipaes pelo então sr. dr. Luiz Jardim, hoje Conde de Valençã, quando vereador da Camara de Lisboa.

No primeiro pavimento superior ficam espaçosas camaratas, bem ventiladas com passagem e tiragem d'ar; mais dependencias, quartos para os veladores de noite e o gabinete do sr. director, onde podemos vêr bons retratos a oleo de Antonio Rodrigues Sampaio que auxiliou a fundação d'estes asylos quando ministro do reino. Visconde de Castilho o amigo da infancia e mestre da lingua, e Rosa Araujo o fundador d'esta util e altruista instituição; os dois primeiros retratos são do pincel de José Rodrigues, artista de boa memoria, e o terceiro pintado pela S.ª D. Emilia Santos Braga já bem conhecida como expositora nas exposições de Bellas Artes.

Mais um retrato de El-Rei D. Carlos é uma excellente photographia do sr. Marquez d'Avila, surpresa que o sr. Posser fez ao illustre provedor collocando-lhe o retrato no seu gabinete, onde vão ser ainda collocados os retratos da Rainha D. Maria II e de El-Rei D. Luiz I.

Passando ao segundo pavimento superior encontram-se os quartos da regente, das creadas, casas de costura e de engomados, arrecadações de roupas, enfermaria de observação, botica



TALHÃO DA AVENIDA DA LIBERDADE, ONDE DEVERÁ SER ERIGIDO O MONUMENTO A PINHEIRO CHAGAS



PROJECTO DO ESCULTOR SR. COSTA MOTTA PARA O MONUMENTO A PINHEIRO CHAGAS, QUE VAE SER ERIGIDO POR SUBSCRIPÇÃO PUBLICA ABERTA PELA «MALA DA EUROPA»

e gabinete do clinico, grande sala para sessões solennes e casa de lavagens e banhos dos asylados em que o digno director sr. Carlos Posser, por um bem pensado systema, reuniu ali todos os meios de limpeza do corpo, principiando pela lavagem da bocca e dentes, para o que cada alumno tem seu copo de alumen e escova especial, lavagem parcial de cara ou de pés, banhos de irrigação, duche ou de tina, frios ou quentes conforme a saude do alumno permitir, ou a temperatura da estação em que se estiver; n'uma palavra, o asylo que entrará n'aquella casa ha-de sahir de lá bem lavado seja em que circumstancias fôr. E' a primeira casa de banhos que vimos de tão engenhoso systema e que bem pôde servir de modelo.

aquella benefica instituição rouba á desgraça, educando moral e proffissionalmente tantas creanças, tornando-as uteis a si e á sociedade.

LITTERATURA RUSSIANA

O TENENTE JERGUNOFF

POR
IVAN TURGENJEW
VIII

— Queira desculpar, voltou ella a dizer, arrestando-se, rapida, do espelho... de eu o trazer assim sem mais cerimonia a minha casa...



CARLOS POSSER, DIRECTOR DOS ASYLOS MUNICIPAES

Se attendermos ainda a que no vasto edificio se aproveitaram bem todos os espaços para as dependencias, como quartos de cosinheiro, criados, e guardas, pequenas arrecadações de limpeza, etc., tudo na melhor ordem, para que todos os serviços se facilitem e se possa manter rigorosa disciplina, reconhece-se a intelligencia, zelo e cuidado com que se procedeu á organisação de um estabelecimento d'aquella ordem, cabendo os maiores louvores ao illustre provedor sr. Marquez d'Avila que a ella presidiu auxiliando o digno director sr. Carlos Posser na execução do seu vasto plano de dotar Lisboa com um asylo escola modelo sob todos os pontos de vista.

O novo asylo *D. Maria II* admite 155 crianças internas e 60 semi-internas para as quaes se está construindo um novo edificio annexo com serventia pela travessa de Santa Quitéria.

No novo asylo ficam alojadas 3 secções de asylados que tem estado em casas de aluguer, sem as condições precisas.

A assistencia municipal vae ainda construir edificio proprio para as asyladas do sexo feminino, que estão na antiga casa da *crèche* de Santa Eulalia, á Graça, assim como para os adultos e velhos surdos mudos que a assistencia alberga em casas alugadas.

Retirámos do asylo plenamente satisfeitos do que vimos, e lembrando-nos de quantos infelizes

... Ser-lhe-ha talvez desagradavel... ?

— Oh! por quem é!...

— Mas, como lhe disse indagóra: toda eu sou de repente... Faço tudo antes de pensar... e as mais das vezes sem pensar, até... Como se chama, senhor official? Quero dizer, se é que não é indiscreção!... atalhou, caminhando para elle e retrahindo os braços.

— O meu appellido é Jergunoff, Kuzma Wassiljewitsch Jergunoff.

— Jergu... Ora, não é lá muito bonito!... Quero dizer, custa muito a pronunciar. Chamar-lhe-hei antes senhor Florestan; é o nome de um sujeito que tinha uma loja onde vendia *Gros de Napoles*, de lindo gosto, e que perfeito homem, não faz ideia!... Muito parecido ao senhor... Mas que hombros tão largos tem o senhor? Um verdadeiro heroe russo!... Gosto immenso da gente russiana... que eu, aqui onde me vê, tambem o sou... O meu papá era official... Ai, que graça! as minhas mãos são mais brancas que as suas.

Alçou-as acima da cabeça abanando-as repetidas vezes no ar, para fazer descer o sangue das veias, deixou-as cair rapidamente.

Olhe para aqui, não, que eu lavo-as com sabão grêgo... com aquelle que cheira muito bem... ora cheire!... Ai, ai! beijá-las é que não vale!... não foi para isso que eu lhas mostrei... Mas,

pergunto eu... onde é que o senhor está fazendo serviço?

— Na decima nona secção, da esquadra do Mar Negro.

— Ah! E' da marinha?... E tem um posto alto?

— Nem por isso... o meu posto não é dos mais elevados.

— O senhor deve ser muito valente, pelos olhos logo se vê... e que sobranceiras tão fartas! têm-me dito que á noite é bom untá-las com sêbo... para crescerem... Mas porque é que não usa bigode?

— E' contra a ordenança!...

— Ora, isso assim não é tão bonito! mas que vem a ser essa ratice?... E' um punhal?...

— Chama-se a isto um espadim, é o distinctivo dos officiaes de marinha.

— Ah! sim, é um espadim!... E é muito afiado?... Posso vêr?

E, mordendo os beiços e esgazeando os olhos, arrancou a custo o espadim da bainha e chegou-lhe o fio da lamina ao nariz.

Ora! é tão rombo!... E com tudo isso, eu era capaz de o matar num instante.

E entrou a ameaçar com a arma Kusma Wassiljewitsch... Este fingiu-se assustado e riu-se. Ella desfechou uma gargalhada.

— Por esta vez está perdoado, exclamou, assumindo ares majestaticos... Pegue lá, ahí tem a sua arma... Mas que idade tem? perguntou, de esfuíote...

— Fiz vinte e cinco annos.

— E eu, dezanove! — E' tão comico, não acha? Ah! ah! ah!

E desatou a rir, com tanto gosto, que até se dobrou ao meio.

Kusma Wassiljewitsch não bulia na cadeira, embasbacado a contemplar-lhe o palminho de cara tão rosado e animado pelo riso; cada vez lhe agradava mais...

De subito, calou-se Emilia, trauteou baixinho por entre os dentes. — séstrozinho que lhe era privativo — e voltou a revêr-se ao espelho.

— Sabe cantar, senhor Florestan?

— Não, minha senhora — Nunca aprendi.

— Mas sabe tocar guitarra?

— Tambem não.

— Pois eu sei. Tenho uma guitarra com embutidos de madreperola, mas as cordas estão partidas. Preciso de comprar outras. O senhor official dá-me dinheiro para as comprar, pois não me dá? Em paga cantar-lhe-hei uma romanzinha allemã que é mesmo uma lindeza. E respirou com força cerrando os olhos — tão linda, não faz ideia! Mas aposto que sabe dançar? Tambem não? E' incrível!... Hei-de ensiná-lo a dançar, deixe estar. A *schottisch* e a *walsa-cosaca*, *Tra la lá, tra la lá, lá, tra la lá*...

E rodopiou pelo quarto, leve que nem uma penna.

— Ainda não viu as minhas botas, são bonitas, não é verdade? Comprei-as em Varsóvia. — Hade dansar commigo, senhor Florestan... Mas por que nome me quer tratar!

Kusma Wassiljewitsch sorriu-se e córou até ás pontas das orelhas.

— Chamar-lhe-hei formosissima Emilia.

— Nada, nada! assim não vale. Quero que me chame: Meu thesouro, minha bonequinha de alcorce! — Fique sabendo! —

— Com muito gosto; receio, porém, não poder atinar com a pronuncia.

— Não tem duvida, não tem duvida. Vá dizendo commigo:

Minha...

— Minha...

— Bonéca.

— Bon... é... ca...

— De alcorce... al... cor... ce!

— Al... cór... ce... Não vae lá, assim, á primeira...

— E a final não sóa lá muita muito bem.

— Deixe-se d'isso! verá como não lhe custa nada!...

E sabe o que quer dizer isto em allemão, é o termo mais carinhoso que dirigir-se pôde a uma menina. Mais tarde lho explicarei com mais vagar. Mas ahí vem a tia com a machina do chá... Bravo! bravo!... Eu bêbo o meu chá com leite... Haverá leite por ahí?

— Vê se estás calada, resmoneou a tia.

IX

Kusma Wassiljewitsch demorou-se em casa de madame Fritsche até á meia noite.

Desde que se achava em Nikolajeff não tinha passado uma noite tão agradável. Como é de supôr, mais de uma vez lhe occorreu á ideia de que

não era das coisas mais proprias para um official (nobre, de mais a mais) travar conhecimento com esta raparigóta vinda de Riga e com a boa da tia; Emilia era, porém, tão formosa, papagueava com tanta graça e mirava-o com uns olhos tão meigos, que elle, dando de barato o seu fidalgo nascimento e a sua patente, determinou desta vez atender unicamente ao seu «gozo pessoal»

Uma circumstancia o embaraçava deixando impressão que estava longe de ser agradável. No mais animado da conversa com a Emilita e madame Fritsche, abriu-se a meio a porta da sala de entrada, e entreviu-se a manga escura de um individuo, com tres botões de prata, avançar muito surrateira, e depôr ás furtadelas um embrulho em cima de uma cadeira, ao pé da mãe.

As duas mulheres correram apressadas á cadeira, e puseram-se a investigar, o que vinha a ser o dito embrulho.

— Ora esta! não são as mesmas colheres! exclamou Emilia.

A tia, porém, deu-lhe uma cotovelada, agarrou no embrulho e safou-se sem o tornar a embrulhar, sequer.

A Kuma Wassiljewitsch, prefigurou-se-lhe ter enxergado, numa ponta do lenço em que vinham embrulhados os objectos, uma mancha vermelha, como que uma nodosa de sangue.

— Que vem a ser aquillo? indagou da Emilia. Restituir-lhe-iam alguns dos objectos roubados, por ventura?

— Restituíram, retorquiu Emilia. — Algo hesitante, ao que parecia.

— E foi o seu criado que os encontrou?

Emilia franziu a testa.

— Criado? Qual criado? — E' coisa que não temos.

— Seria então um homem qualquer?...

— Cá em casa nunca entram homens...

— Mas se me permite... se me permite... Vi a manga de um casacão ou coisa que o valha, e d'ahi, ... este bonnet...

— Homens nunca põem pé cá em casa, nunca, insistiu Emilia, em tom peremptorio... Que é que viu? Não viu coisa nenhuma! E este barrete é muito meu!

— Seu! Ora essa!

— Meu, sim!... Precisei delle para um baile de mascarar... ora ahi está!... E ponto na conversa!

— Mas quem foi então que lhe trouxe o embrulho?

Emilia não deu resposta, comprimiu os labios e foi ter com a tia Fritsche.

(Continúa)

M. MACEDO.

DOIS LIVROS DE VERSOS

Temos sobre a nossa mesa de trabalho dois livros de poesias de dois poetas novos srs. Mendonça d'Oliveira e Luciano d'Araujo, ambos com amáveis dedicatorias a esta redacção, além dos exemplares que, em especial, foram offerecidos aos nossos directores e administrador que penhorados agradecem.



MENDONÇA D'OLIVEIRA

Occupar-nos-hemos do primeiro e depois fallaremos do segundo.

Amores... é o titulo do novo livro de versos do sr. Mendonça d'Oliveira, poeta já conhecido dos nossos leitores e auctor de os *Goivos* que O OCCIDENTE já noticiou.

Apresenta-nos agora o sr. Mendonça d'Oliveira os *Amores*... cujo titulo diz bem claramente o thema a que obedece.

Eis um trecho que reproduzimos.

XIX

Tão mirrada, linda tiór,
Já sem odor desbotada!...
Vae-se-me no teu pendor
A vida triste, alquebrada!

São-me as pet'las resequidas
Doces illusões perdidas!...

Desfolho-te. . . Vae, fiór grata
— E a minha alma presa a ti! —
Vae... vae á mulher ingrata:
Diz'-lhe que tambem morri!...

Leve-te a ligeira brisa,
Que tão de manso deslisa!

E' dividido em tres partes *Amor, Desillusão e Saudade.*

São poesias pessoases, intimas na maior parte nascidas do coração e que como muito bem diz o nosso illustre director litterario sr. D. João da Camara na carta que acompanha este voluminho: *n'elle deveriam morar para sempre e não arrancar-lhe aquelle perfume de suavidade e de paixão com a publicidade que é n'este caso a narração de segredos d'alma a ouvidos indifferentes?*

O livrinho é de 66 paginas e mais XII nitidamente impresso em bom papel e cuja edição é da EMPRESA DO OCCIDENTE — Lisboa.

N'um valle — poemeto do sr. Luciano d'Araujo, de 28 paginas impresso em bom papel in-8°, edição da livraria Corrêa Pinto — Lisboa.

Este livro abre com uma affectuosa dedicatoria a sua irmã sr.ª D. Anna Augusta Marques d'Araujo e Oliveira, esposa do nosso presado collaborador e dedicado amigo sr. José Augusto Macedo d'Oliveira.



LUCIANO D'ARAUJO

O nome do sr. Luciano d'Araujo, não é desconhecido dos nossos leitores. E' o auctor de um outro livrinho de versos *Poeticos Lamentos* que O OCCIDENTE tambem já noticiou e de que fez justa apreciação.

N'um valle apresenta o sr. Luciano d'Araujo consideráveis melhoramentos e aperfeiçoamento em materia poetica por isso que nos revela maior applicação e muito estudo, promettendo largo futuro.

Muitas e varias criticas já teem sido feitas ao poemeto do sr. Luciano d'Araujo e por isso nos limitamos a transcrever um trecho do poemeto, cuja leitura é agradável.

O thema é: os amores reciprocos d'uma pastorinha e um poeta, em um idyllyo pastoril sonhando optimos futuros, risonhas illusões do mundo.

Eis um trecho:

CANTO II

Era n'um valle e perto de uma cruz,
Ao qual descia do sol triste a luz

Que os fragedos das serras pedregosas
Modificava em emmurchadas rosas.

Contemplativa a pastorinha Céu
Scismava em tudo, quando ao val' desceu

Um vulto de rapaz forte e elegante,
De lindo fato e de um olhar fallante.

Estremeceu um tanto, mas depois
Ella e elle eram taes como dois soes

Que, enternecidos, disputassem brilho
Talvez até na confusão de um filho!

O moço era um poeta tão sentido,
Que andára leguas, muito embevecido,

A vêr os campos virginaes e puros,
Ora a sonhar com optimos futuros,

Ora a pedir apoquentado e triste
O bem a Deus, em vez do mal que existe.

E andava a distrahir com os seus olhos
As maguas de sua alma toda abrolhos.

E a pastora de olhar intelligente
No seu fixado persistentemente,

Já sentia aquelle homem pertencer
Ao seu coração fraco de mulher.

Nunca vira um homem no povoado
Que com aquelle fosse comparado:

Tão lindo e de tão meigo e suave olhar,
Que parecia sempre meditar...

E á luz do sol, cambiante e reflectido.
Nas vertentes das serras esvahido,

Bebia a agua da fonte enebriado,
Da formosa Maria o namorado.

O coração que lhe queimava o peito
Amava louco aquelle amor perfeito,

Aquella pura virgem que o amava
Com a pureza que elle ambicionava,

Da grave cruz que junto á fonte havia,
A moça já a historia descrevia.

Dizia ella: — Vê esta cruz, não vê?
Não imagina amigo que triste é.

Sob o logar onde ella está assente.
Encontra-se enterrado um infeliz ente;

E porque muito amou, pobre rapaz!
Havia uma mocinha, alli por traz,

Que já morreu tambem; talvez de penas.
Elle tinha dezoito annos apenas,

E ella quinze. Não pode calcular
Como os dois se gostavam de beijar...

Não achou pae d'ella isto bonito,
Porque apoz um amigo lh'o ter dito,

Foi-se ao rapaz que a filha tanto amou,
E n'uma noite aqui morto o prostou.

Ficam pois, as noticias e a pequena transcripção d'uma parte do poemeto, deixando a critica e a justa apreciação, á vontade criteriosa de nossos leitores que melhor poderão julgar do merecimento das obras, do que todos os elogios que lhes fizessesmos.

R. S.

O MEZ METEOROLOGICO

Junho, 1905

Barometro: Maxima altura 766^{mm} em 2
" Minima " 756^{mm},9 em 13

O maximo do dia 2 foi quasi egualado em 20 (766^{mm},6). Durante o mez, depressões secundarias invadiram a peninsula, umas após outras. — A 1.^a fez descer o barometro que ás 9 horas da m. do dia 6, accusava 764^{mm},2 a 761^{mm},1 em 7, á mesma hora, e a 759^{mm},0 ás 3 horas p. m. do dia 8. — A 2.^a em 11, que nos deu uma baixa barometrica de cerca de 6 millimetros, mantendo-se até 17, e finalmente, outra, no dia 28 deu ao barometro uma oscillação de 4 a 5 millimetros.

Thermometro: Maxima 32^o,5 em 24
" Minima 11^o,9 em 12

Temperatura inferior á normal ate 20, com um maximo de 24^o,1 em 1. A partir de 20, elevação sensivel do thermometro que accusou 27^o,5 em 21, 28^o,7 em 22, 30^o,5 em 23, 32^o,5 em 24, 27^o,7 em 25 e 27^o,8 em 26. Mas em 27 descia a maxima a 25^o,2, em 28 a 22^o,0 em 29 a 21,2 e em 30 a 19^o,0.

Nebulosidade Bom tempo 8 dias. Nublado 21. Encoberto 1-

Ventos dominantes N W até 7. S W de 8 a 20. N. em 21 e 22. E de 23 a 25. N W em 26 e 27. S W, o restante do mez.

Chuvas: 52,4^{mm} em 10 dias Em 15, 25,3^{mm} quantidade consideravel. Não surprehendeu que o mez de junho fosse tão chuvoso devido á grande estiagem de todo o inverno. É de presumir, tambem que o verão seja muito desigual, predominando o tempo nublado e incerto.

O novo ministerio Hespanhol

MONTERO RIOS PRESIDENTE DO CONSELHO

Como se havia previsto, o ministerio hespanhol presidido por Villaverde ficou demissionario no dia 20 de junho, em vista da votação do Congresso, que regeitou por 204 votos contra 45 a moção de confiança ao governo.

O rei D. Affonso XIII aceitou a demissão do ministerio apresentada por Villaverde, e depois de ter consultado os chefes dos partidos politicos, reunindo no paço real o marquez de Vega de Armijo, Romero Robledo, Azcarraga, Pidal e Montero Rios, resolveu por fim encarregar este ultimo de formar ministerio.

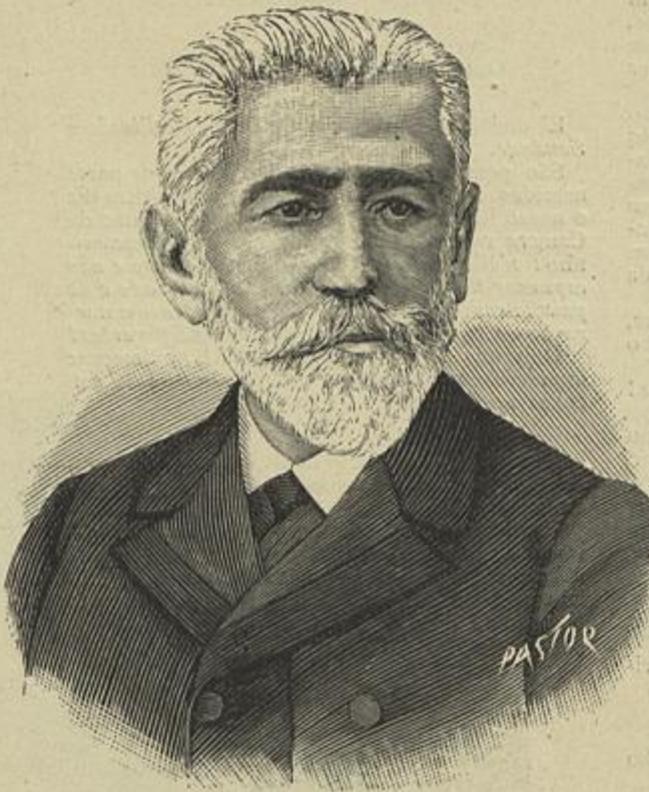
Montero Rios é actualmente o chefe do partido liberal, o qual por motivo de decidençias que se deram n'este partido depois da morte de Sagasta, tem estado ha muito afastado do poder.

O novo ministerio ficou assim composto: presidente sr. Montero Rios; reino, sr. Garcia Prieto; estrangeiros, sr. Roman; fazenda, sr. Urzaes; guerra, General Weyler; marinha, sr. Villanueva; agricultura, conde de Romanones; justiça, sr. Peña; instrucção, sr. Mellado.

Montero Rios, presidente da nova situação é um dos mais notaveis estadistas do vizinho reino, e que mais tem luctado na politica, contando 72 annos de idade e longa lista de serviços ao seu paiz.

Professor da Universidade, jurisconsulto notavel, parlamentar experimentado, academico,

O NOVO MINISTERIO HESPANHOL



MONTERO RIOS

PRESIDENTE DO CONSELHO

senador e antigo ministro, está consagrado pela idade e pela experiencia dos negocios publicos.

Espirito liberal, desde 1868 que fez ouvir a sua voz no parlamento em defeza da liberdade de consciencia, o que logo lhe deu o apoio de todos os liberaes hespanhoes.

Ruiz Zorrilla fê-lo secretario de estado dos negocios da justiça, e em 1870 o general Prim confiou-lhe a pasta da justiça quando formou governo. Montero Rios fez votar a lei do casamento

civil e reformou a organisação judiciaria e o codigo penal.

Restabelecida a monarchia em Hespanha, que a revolução de 1870 havia derrubado, Montero Rios uniu-se a Sagasta, Vega de Armijo, Alonso Martinez e Martos constituindo assim o grande partido liberal presidido por Sagasta, que predominou largamente no reinado de D. Affonso XII e na regencia da Rainha Christina.

Montero Rios tem sido por mais de uma vez ministro das obras publicas e da justiça, sendo tambem em varias legislaturas presidente do senado. Na difficil situação que o seu paiz atravessou com a guerra de Cuba, elle foi escolhido para presidir, em Paris, á commissão encarregada de firmar as condições de paz entre a Hespanha e os Estados-Unidos do Norte.

O novo presidente do governo hespanhol inclina-se muito á politica de aproximação dos dois paizes da Peninsula, no seu interesse reciproco e de absoluta independencia, ideias que manifestou ha tempos ao Sr. Queiroz Ribeiro, deputado da nação, quando este o visitou na sua casa de Lourizan, na Galliza.

—o—o—o—

LIÇÕES DE PHOTOGRAPHIA

Na nossa ultima licção, dissemos que nos haviamos de occupar do revelador Gallios imaginado por Mercier. Vamos hoje cumprir a nossa palavra.

O Gallios vende-se ou sob a forma liquida ou em pó, tendo a propriedade do banho se conservar bastante tempo sem se alterar, e, ainda mais, o de ser preferível servir-se de um banho já utilizado, pois que um banho novo tende

a dar provas duras. Antes do uso, isto é quando se não possua banho usado, bastará deixar o revelador uma ou duas horas exposto ao ar, n'uma tina, devendo este para se conservar inalteravel, ser guardado em frascos bem rolhados. Quando o revelador não der já os resultados pretendidos, para rejuvenescer-o, digamos assim, basta juntar-lhe uma pequena porção d'outro banho concentrado. Entre a revelação e a fixagem, é indispensavel a lavagem, a qual se effectua mesmo, no hyposulphito a 15 %.

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras

R. do Alecrim, 444, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA

FABRICA DE MOVEIS NO PORTO

DE REIS & FONSECA

Com officinas e deposito em Lisboa

Completo sortimento de mobillas e estofos em todos os generos e estylos

PREÇOS SEM COMPETENCIA

LARGO DO CALHARIZ, 26 E 27 — LISBOA

Caixa Geral de Depositos

e Instituições de Previdencia

Operações pela Caixa Geral de Depositos

Adiantamentos de juros de quaesquer titulos de divida publica que não estejam immobilizados perpetua ou temporariamente. — Empréstimos a curto praso sobre penhores dos mesmos titulos. — Empréstimos a corporações administrativas. — Desconto de letras sacadas sobre o thesoureiro do ministerio da marinha. — Adiantamentos de vencimentos a funcionarios publicos e pensionistas do estado. — Operações em cje de subsidios devidos por lei e descriptos no orçamento geral do estado com encargo regular e effectivo do thesouro.

O juro, praso e demais condições das operações acima mencionadas serão determinados segundo as circumstancias do mercado.

Operações pela Caixa Economica Portugueza

Depositos vencendo juros de 3,60 por cento ao anno capitalizados annualmente.

Os depositos podem-se elevar em cada anno até á quantia de 1:000\$000 réis, não podendo, porém, cada depositante ter em deposito quantia superior a 3:000\$000 réis.

Santos Camiseiro

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25 — ROCIO

— LISBOA —

Sempre bom sortido de camisas, camisolas, meias, peugas, gravatas, punhos, collarinhos e muitos outros artigos de phantasia, como botões para collarinhos e punhos, carteiras, malas para viagem e lençaria.

ESPECIALIDADE EM CAMISAS PARA CASACA

(o que ha de mais moderno)

Executa-se toda a rouparia por medida.

Atelier Photo-Chími-Graphico

P. MARINHO & C.^a

Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

N.º telephonico, 829

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

PHOTOGRAPHIAS

A Redacção d'O OCCIDENTE accêita photographias de todos os assumptos de interesse e de actualidade, tanto de Portugal como do Estrangeiro, as quaes serão publicadas, vindo acompanhadas das indicações indispensaveis para o respectivo artigo.